

Francisco de Assis e seu canto a Deus através das criaturas: a criação como primeiro sacramento e os esforços inter-religiosos em prol da unidade cosmológica

Francis of Assisi and his Canticle to God Through Creatures: Creation as the First Sacrament and Interfaith Efforts Toward Cosmological Unity

Faustino dos Santos
Fordham University - New York - EUA

Resumo

No marco do 800º aniversário da composição do Cântico das Criaturas por Francisco de Assis, em 1225, esse ensaio destaca a relevância do cântico nos horizontes espiritual, teológico e inter-religioso, no tocante à ecologia e ao cuidado com a vida. Começando pela aproximação histórica e literária, esse trabalho retoma o contexto em que o cântico foi composto e identifica, no texto de Francisco, um paradigma de fraternidade cósmica que vincula todos os seres. Destacando a lógica de uma espiritualidade encarnada implícita no cântico, esse ensaio, em seguida, destaca que a obra de Francisco aponta teologicamente a criação como o primeiro sacramento de Deus. Por fim, ele aproxima o cântico às diversas tradições religiosas, ressaltando sua capacidade de atrair e dialogar com múltiplas espiritualidades em torno da fraternidade cosmológica, do cuidado, da reconciliação e da reparação ecológica.

Abstract

On the occasion of the 800th anniversary of the composition of the Canticle of the Creatures by Francis of Assisi in 1225, this essay highlights the canticle's relevance in the spiritual, theological, and interreligious horizons of ecology and care for life. Beginning with a historical and literary approach, this work revisits the context in which the canticle was composed and identifies a paradigm of cosmic brotherhood in Francis's text, linking all beings. Highlighting the logic of an incarnate spirituality implicit in the canticle, this essay then demonstrates that, theologically, Francis's work points to creation as God's first sacrament. Finally, this work brings the canticle closer to diverse religious traditions, emphasizing its ability to attract and dialogue with multiple spiritualities around cosmological fraternity, care, reconciliation, and ecological restoration.

Palavras-chave

Francisco de Assis.
Cântico das Criaturas.
Teologia da Criação.
Religiões e Espiritualidades.

Keywords

Francis of Assisi.
Canticle of the Creatures.
Theology of Creation.
Religions and Spiritualities.

Introdução

“Ó São Francisco, [...] o mundo tem saudade de ti”, disse o então Papa João Paulo II no dia 17 de setembro de 1983, no mesmo local onde, segundo a

tradição, Francisco de Assis recebeu os estigmas da Paixão de Jesus Cristo no seu corpo.

Podemos dizer que a saudade de Francisco de Assis ainda é um sentimento presente. Ele, um ser humano que viveu no século XIII, ainda inspira 800 anos após sua morte. Os relatos a respeito da sua vida, dos seus feitos e ditos, condensam pautas de extrema relevância e se apresentam como alternativas para problemas que a humanidade e a natureza têm enfrentado ao longo dos séculos.

Para exemplificar tal importância, vê-se que, no tocante ao desapego material, Francisco de Assis serve como crítica ao capitalismo desenfreado. Num mundo de intolerância e disseminação de notícias falsas, Francisco se apresenta como alternativa ao diálogo e como símbolo de respeito e reverência ao diferente. Enquanto valoriza a vida em comum, ele serve de resposta a uma sociedade que cultiva o individualismo e a retenção de bens. Com sua dedicação e cuidado com os mais frágeis, ele pode ser enquadrado como uma resposta a sistemas políticos e sociais de desprezo e descarte dos mais vulneráveis. Ao cultivar a fraternidade cosmológica, o Pobrezinho de Assis serve como resposta a um sistema de exploração, descuido e desrespeito à casa comum dos seres vivos.

Todas essas alternativas são costuradas em Francisco por uma profunda e simbólica espiritualidade. Profunda, porque não é novidade que Francisco imprimiu em si uma radicalidade na vivência dos evangelhos e dos valores espirituais da fé em que acreditou, e simbólica, no sentido de unir ou agregar, que a origem grega da palavra símbolo nos sugere. Leonardo Boff, no seu livro “O despertar da água: o sim-bólico e o dia-bólico na construção da realidade,” nos ajuda a entender melhor esse segundo aspecto.

Símbolo/sim-bólico, que vem de *symbálesin* ou *symbállesthai*, literalmente significa: lançar (*bállein*) junto (*syn*). O sentido é: lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo, significa re-unir as realidades, carregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe (Boff, 1998, p. 11).

A partir desse significado, a vida de Francisco exprime um testemunho vinculativo e simbólico, tanto em âmbito vertical quanto em horizontal. Vertical, porque, por meio do seu testemunho, ele buscou e inspirou o retorno

da natureza humana à natureza absoluta de Deus; horizontal, enquanto Francisco proclamou e viveu a relação de respeito, cuidado e contemplação com os demais seres criados.

Costurar os vínculos separados, isto é, ser sim-bolo, é, portanto, um elemento característico da espiritualidade de Francisco. Não à toa, Francisco e seus companheiros decidiram não se separar do mundo, tal como era o modelo de vida religiosa do seu tempo. Do contrário, eles decidiram viver nele, misturados. Ou seja, desde cedo, Francisco e seus companheiros identificaram que o abrigo da sua vocação, ou o claustro onde as maravilhas de Deus eram realizadas por meio deles, era no mundo, e não separado dele. Por mundo aqui compreendemos o todo criado. Mas esse estar no mundo não era de qualquer modo. Leonardo Boff, em sua obra *São Francisco de Assis: Ternura e Vigor*, afirma que em Francisco e em seus companheiros “vemos uma maneira diferente de estar no mundo, não mais focada nas coisas, mas sim em conviver com elas, como irmãos e irmãs na mesma casa” (Boff 1982, p. 59).

No livro *Sacrum Commercium* das Fontes Franciscanas, se narra como, uma vez tendo recebido a visita da dama Pobreza que foi cear com os frades, ela, ao pedir para que os frades lhe mostrassem o claustro onde os frades habitavam, eles “levaram-na para uma colina e lhe mostraram todo o mundo que podiam ver, dizendo: ‘Senhora, este é o nosso claustro’” (SC, n. 30,24-25).

Sendo assim, à luz da sensibilidade descendente do Criador, que cria o universo e se encarna no meio da Sua obra criada, em Francisco se condensa uma lógica ascendente — das criaturas que buscam o seu Criador num movimento de retorno ao essencial da vida — a partir de uma prática de vida horizontal. Isto é, para encontrar o Criador e cumprir seus planos, as criaturas precisam se relacionar, respeitar e cuidar mutuamente de si.

Esse ensaio concentra-se sobretudo no movimento horizontal como possibilidade de retorno ao essencial do projeto criador. Ou seja, ele se ocupa de investigar o potencial vincutivo que emana do cântico das criaturas, composto por Francisco de Assis em 1225, bem como sua capacidade de atrair e de se conectar a outras espiritualidades.

Para tratar disso, inicialmente farei uma narrativa do momento em que o cântico das criaturas foi composto, bem como uma aproximação ao que foi escrito, a fim de decifrar um pouco do seu conteúdo. Em seguida, dedico-me a uma reflexão teológica a partir das intuições que o cântico suscita. Por fim, falarei sobre como algumas religiões possuem, em seus fundamentos éticos e valorativos, algo que as responsabiliza pela unidade e pela ética com a natureza, de modo que se assemelha à mensagem do cântico das criaturas de Francisco de Assis.

A composição do Cântico das Criaturas: uma breve narrativa

As fontes franciscanas no livro *Compilação de Assis* (CA) narram que, pouco tempo antes da sua morte, em 1225, na região da Úmbria, Itália, Francisco, já depois da sua conversão¹ e após ter recebido os estigmas do Cristo crucificado no seu corpo no Monte Alverne, decidiu escrever uma nova oração ao seu Senhor. Na ocasião daquela decisão, Francisco já havia passado vários dias no conventinho de São Damião, numa cela isolada, muito doente e sofrendo problemas de visão (CA 83,5-20). No entanto, apesar dos seus sofrimentos, ele estava muito agradecido porque o seu Senhor lhe apareceu em sonho e o favoreceu, “um indigno servo ainda vivendo na carne”, com a promessa do seu Reino, do seu amor e da sua salvação (CA 83,20).

Quanto à sua decisão de escrever uma nova oração, Francisco diz:

[...] eu quero, para o seu louvor e para nossa consolação e edificação do próximo, fazer um novo Louvor do Senhor por Tuas criaturas, das quais nos servimos todos os dias e sem as quais não podemos viver. E nas quais o gênero humano ofende muito o Criador, e todos os dias somos ingratos por tão grande graça, porque não louvamos como devemos o nosso Criador e doador de todos os bens. E, sentando-se, começou a meditar e, depois, a dizer: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor”. E compôs um cântico com essas palavras e ensinou seus companheiros a cantá-lo (CA 83,21-24).

Apesar do sofrimento que Francisco sentia no seu corpo, a sua gratidão pela visita do seu Senhor não o conduz a um mero encantamento abstrato e

¹ Embora hoje se explore a conversão como um processo contínuo que também pode ser identificado na vida de Francisco por diversos episódios (prisão após a guerra entre Assis e Perugia, a intuição diante do Crucificado na capela de São Damião, o encontro com o leproso, o despojamento dos bens do seu pai biológico Pedro Bernardone, e a decisão de ir morar com os leprosos) era comum narrar em hagiografias a conversão como um processo estático.

desassociado da vida. Antes, tal acontecimento desperta profunda admiração e sensibilidade para com o mistério que vincula o Criador aos seres criados. Nesse mistério vinculativo, o próprio Francisco se considerava parte constituinte, embora no lugar do mais pobre e vil dos seres. Leonardo Boff diz que o Cântico das Criaturas “brotou das profundezas de uma existência que, apesar dos sofrimentos e tribulações, soube se manter ereta como um broto que, através da densa e escura vegetação rasteira, busca insaciavelmente a luz do sol” (Boff, 1982, p. 69).

Na citação acima, Francisco deixa entrever, por meio de três verbos (louvar, consolar e edificar), as razões pelas quais deseja fazer um novo cântico ao seu Senhor: louvar o *Criador*, consolar-*nos* e edificar o *próximo*. Ele o faz como forma de reparar a ofensa e a ingratidão cometidas pelos seres humanos contra a grande graça do doador de todos os bens, o Criador.

A partir dessa motivação e intenção, resta-nos conhecer o cântico das criaturas ou o cântico do irmão sol. Numa das traduções ao português, o cântico pode ser lido como segue:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a bênção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
Em todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor Irmão Sol,
que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento

Louvado sejas, meu Senhor
Pela Irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa Irmã a Mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa Irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.

Pela sua louvação a Deus por meio de todas as criaturas, Francisco expressa sensivelmente a gratidão àquele que é o Altíssimo e Bom Senhor por cada criatura viva. Ele também expressa, em forma de poema espontâneo, a interdependência dos seres. Com tal atitude, ele se torna um instrumento sensível que descontinua a lógica e a teologia de separação e coloca não só o Criador implicado em sua obra criadora, mas também as próprias criaturas implicadas cosmologicamente entre si e com o Criador.

Essa oração, que brota do coração e das profundezas da existência sensível de Francisco, é um dos atos mais marcantes dos últimos anos de sua vida. A ele, os historiadores atribuem o status de primeiro grande poema em italiano vernáculo. Frei Michael Cusato, um franciscano estadunidense, diz que essa composição

[...] foi um dos textos mais surpreendentes elaborados por alguém com o olhar de um verdadeiro místico — alguém que não apenas via o mundo como originário da mente de Deus, mas também via Deus expresso externamente no mundo, como natureza, de modo a conduzir homens e mulheres ao Seu louvor (Cusato 2023, p. 191).

Leonardo Boff destaca que Éloi Leclerc, um grande estudioso moderno de São Francisco, mostrou como “todos os elementos cantados no Cântico do Irmão Sol possuem um rico conteúdo arquetípico, colocado a serviço da expressão da experiência que o poeta sagrado teve de reconciliação absoluta” (Boff, 1982, p. 71).

Também Jacques Le Goff, um importante historiador medievalista, numa obra dedicada ao Trovador de Assis (Francisco), descreve o Cântico das Criaturas como uma obra-prima ou uma colaboração lírica que Francisco oferece à poesia espiritual característica do século XIII. Le Goff diz:

Este poema, graças ao qual a poesia italiana se inaugura por uma maravilha, foi chamado por Renan “a mais bela obra de poesia religiosa desde os Evangelhos”. Resume todo o amor de Francisco por toda a criação. Depois de ter espalhado por toda parte seu amor pelas criaturas vivas, homens e animais, ele canta seu amor pelas criaturas inanimadas, às quais dá vida e alma, até a “nossa irmã, a morte”. Ele fez com que Frei Ângelo e Frei Leão a cantassem na Porciúncula, quando sentiu que ela [a morte] se aproximava (Le Goff, 2011, p. 100).

Para entendermos melhor o conteúdo do Cântico das Criaturas, segue-se uma aproximação à sua estrutura e ao seu conteúdo, mais pormenorizada, mas não exaustiva.

O cântico e seus sentidos: uma aproximação às partes do cântico

Do ponto de vista da estrutura, podemos dividir o Cântico das Criaturas em partes. Nos primeiros versos, vemos Francisco louvar o Deus altíssimo, que merece toda honra, glória e reverência. Iniciar a oração desse modo parte, entre outras coisas, do reconhecimento de que Deus Altíssimo é o merecedor e digno do louvor, porque em Deus todas as criaturas encontram seu ponto familiar e para Deus convergem. Esse é “o impulso inicial que se dirige verticalmente a Deus”, que é o onipotente, altíssimo e bom Senhor (Boff, 1982, p. 71).

Na maior parte do cântico, Francisco foca nas criaturas que ele chama de irmãos e irmãs. Ou seja, ao adotar a dimensão horizontal, “ele se volta para as criaturas [...] e se abre à fraternidade universal e canta às criaturas, não por elas mesmas, mas movido pela experiência do Altíssimo que lhe

permitiu vê-las como sacramentos de Deus” (Boff, 1982, p. 71). Com isso, Francisco dá a entender que todos fazemos parte da mesma família.

Frei Murray Bodo também destaca a dimensão segundo a qual Francisco não se afastou das criaturas; ele se tornou um com elas, em um relacionamento fraterno que resistiu à dominação (Bodo, 2015). Ou seja, a interpretação de que o ser humano é superior e dominador da natureza e dos outros seres criados é rompida pela fraternidade cósmica de Francisco que chama de irmão e irmã: o sol, a lua, as estrelas, o vento, a água, o fogo e a terra.

Em seguida, a ênfase recai no perdão e na paz. Acredita-se que esses versos foram adicionados por Francisco em tempos posteriores e que ele os compôs para ajudar a resolver uma disputa que surgiu entre o prefeito e o bispo de Assis. Francisco pediu a um frade que cantasse esses versos na presença dos dois homens para que eles pudessem se reconciliar. E, conta-se, de fato, que houve uma reconciliação.

Ao ler e meditar os versos, pode-se observar que eles servem de inspiração para a busca pela reconciliação entre os seres humanos. Mas não só isso: os versos também sugerem a busca pela constância da paz, que é alcançada por meio da justiça e da fraternidade (Wintz, 2018). De fato,

“[...] o Cântico busca comemorar a irrupção mística da unidade e da fraternidade mística com todas as coisas e com Deus. Não poderia, portanto, deixar de fora a humanidade em sua tribulação. A humanidade se reconcilia com os demais seres humanos” (Boff, 1982, p. 72).

A penúltima parte é dedicada à morte, que Francisco também chama de irmã. Esse trecho, diz-se, foi composto não muito antes de Francisco abraçar a morte corporal. Se ao longo do Cântico, Francisco exalta a bondade, o brilho e a beleza de Deus em todas as criaturas, a quem ele considera irmãos e irmãs e, portanto, parte de sua família, no final de sua vida, a morte também se torna sua irmã e, por isso, assume aspectos amigáveis e até mesmo “fraternos”.

Com essa fraternidade com a morte, Francisco deixa entrever que quem tem a consciência tranquila dos feitos que fez na terra não deve temer

ou se sentir ameaçado pela morte, que também é nossa irmã. Não é por acaso que o primeiro biógrafo de Francisco, Tomás de Celano, descreveu que ele foi “alegremente ao encontro [da morte]” e “convidou-a a se hospedar com ele: ‘Bem-vinda’, disse ele, ‘minha irmã morte!’” (Celano, 2,217).

Embora a morte pareça ser e ter a última palavra, na perspectiva da fé cristã de Francisco, ela não é o fim nem o último mal a ser temido. Francisco parece advertir sobre os perigos da perdição eterna ou da segunda morte. O fato é que o ser humano, “ao abraçar a existência mortal, reconcilia-se com a morte. Ele integra a morte à vida. Melhor ainda, aceita-a como irmã”. Por isso, “Francisco torna-se irmão da morte, que, dessa forma, é símbolo de uma nova vida e de um amor ainda maior” (Boff, 1982, p. 72).

As últimas palavras do cântico são novamente um convite à louvação a Deus: “Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.” Ao mesmo tempo em que essas palavras ratificam a grandiosidade de Deus, que merece os louvores pelos seus dons, o convite ao serviço humilde ao Senhor é uma provocação a amá-lo e reverenciá-lo nas suas criaturas, porque quem ofende as criaturas desfigura e ultraja o seu Criador.

Mesmo numa rápida análise do Cântico das Criaturas, é possível identificar insights das teologias da criação, da natureza, da encarnação, da teologia antropológica e mística, e até de outras. Ao mesmo tempo em que descreve a ação bondosa do Criador, o Cântico reclama uma atitude de reverência e de cuidado humanos à natureza e aos seres que a compreendem. Além disso, revela uma profunda sensibilidade à interconexão entre Criador e criaturas, de tal modo que a manutenção da relação com Deus se manifesta na relação com suas criaturas. De fato, podemos extrair do cântico algumas intuições teológicas. É sobre este aspecto que vamos nos dedicar a seguir.

Uma aproximação teológica a partir do Cântico das Criaturas

Francisco, mesmo não sendo alguém que estudou teologia, pode ser considerado como o primeiro teólogo dos franciscanos. Um teólogo encarnado e da criação. Quando ele diz, no seu cântico, louvado sejas meu senhor, em

todas as suas criaturas, ele está dizendo (tal como no original italiano) louvado sejas meu senhor “por meio” ou “através” das suas criaturas: o irmão sol, a irmã lua, a irmã morte etc. Ele revela não qualquer, mas sim uma profunda espiritualidade encarnada.

Francisco deixa entrever essa sensibilidade com a criação — que podemos chamar de profundidade mística — ao usar apropriadamente uma única preposição (“através”), que revela não uma teologia meramente racional, mas que brota de implicações profundas e, por que não dizer, do coração de quem se mistura à experiência prática da vida. No entanto, o testemunho de Francisco extrapola a singularidade da preposição “através” que, como diz Boff, “seria egoísmo e significaria ignorar o hino que as criaturas nunca deixam de cantar a Deus” (Boff, 1982, p. 63).

A experiência de Francisco é mais complexa e envolvente. Ele louva o Senhor nas/com as suas criaturas e não somente por meio delas. São Boaventura, um dos seus biógrafos, narra a ocasião em que, andando com um frade em Veneza, Francisco encontrou uma grande multidão de aves que cantavam nos ramos das árvores. Ao avistá-las, Francisco disse ao companheiro: “As irmãs aves louvam ao seu Criador; por isso vamos para o meio delas cantar nossos louvores e horas canônicas” (1 Boaventura 8,9).

Com o cântico das criaturas, Francisco revela sua solidariedade com a natureza, ao mesmo tempo em que reconhece sua conexão com quem a criou. Seu Cântico é uma jornada ao coração da criação. É aí que o ser humano se reconhece não como o centro do universo, mas como parte da sua história permanente.

No seu itinerário ao coração da criação, Francisco descobre, celebra e vive a interdependência dos seres entre si e destes com seu criador; por isso, ele nunca se desconectou da realidade. Segundo Boff, “o modo de ser de São Francisco, com seu ‘ser-com’, o levou a uma fraternização com todas as camadas da realidade” (Boff, 1982, p. 72). É desse modo que ele demonstra o seu amor incondicional a Deus, que está em tudo e em todos, e que une todos os seres criados, fazendo-os irmãos e irmãs uns dos outros.

Para além desse reconhecimento de pertencimento ao projeto amoroso de Deus na/com/através da criação, Francisco entende que o ato criador de Deus também é um convite à corresponsabilidade. Ele é um lembrete radical de que devemos superar a lógica do “ser acima”, cuja relação do ser humano com a natureza é configurada de modo a possuí-la e dominá-la.

Ao dizer “eu quero [...] fazer um novo Louvor do Senhor por Tuas criaturas, [...] nas quais o gênero humano ofende muito o Criador, e todos os dias somos ingratos por tão grande graça” (CA 83,21-24), Francisco se mostra consciente de que, se a criação revela a Deus, ofendê-la significa ofender o Criador.

Ao reconhecer a ingratidão humana frente aos bens divinos da criação, Francisco nos recorda que a fraternidade cosmológica está quebrada e carece de uma reconciliação. O caminho da remissão para o reatar do vínculo entre o ser humano e a natureza. Insistir no projeto “ser-acima” significa optar por um ato egoísta e diabólico.

Se o *symbolon* possui a característica de unificar e agregar, tal como destacamos no início deste trabalho, é próprio do diábolos (diabállein) separar e romper. Como diz Boff, “dia-bólico provém dia-bálein. Literalmente significa: lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção; jogar fora de qualquer jeito. Dia-bólico, como se vê, é o oposto de sim-bólico. É tudo que desconcerta, desune, se separa” (Boff, 1998, p. 12).

Desse modo, a espiritualidade e a teologia que emana do Cântico das Criaturas são simbólicas, agregadoras e reparadoras. Essa teologia “é a expressão de um universo reconciliado que tomou forma no coração de Francisco” (Boff, 1982, p. 69).

Do ponto de vista dessa teologia encarnada e reconciliada, Francisco traz à luz, com profundidade mística, que a realidade (as coisas que existem) é o primeiro sacramento (sinal) divino. Sua expressão profunda encontra eco na imaginação bíblica, onde a realidade ou a criação é a primeira aliada de Deus e também o sinal visível de uma verdade profunda.

Como destacamos anteriormente, é o Altíssimo que permitiu a Francisco ver as criaturas como sacramentos de Deus (Boff, 1982, p. 71). Tal

como sugere o franciscano estadunidense Richard Rohr em algumas de suas obras, como *Things Hidden: Scripture as Spirituality*, a criação ou o universo é o primeiro livro/bíblia por meio do qual Deus se comunica (Rohr, 2008, p. 32-33).

Francisco, de fato, percebe que o mundo é o corpo de Deus. Se quisermos saber o que Deus é, devemos olhar para a criação. Ele retoma a intuição do Gênesis 1, cuja palavra criadora de Deus diz “façamos ou criemos conforme a nossa imagem e semelhança”. Além disso, seu entusiasmo e sensibilidade se aliam ao projeto de Deus na missão de Jesus, por meio de quem o Pai reconciliou todas as coisas na terra e no céu (Col 1,20).

Para resgatar a intenção criadora e exercer a reconciliação de todas as coisas, é que Francisco denuncia que a lógica do cuidado foi substituída pela lógica da dominação. Essa substituição se manifesta na ingratidão do gênero humano, incapaz de cantar com os demais seres e, por isso, decide ofender o Criador por meio da exploração e da dominação do que é criado.

Se Francisco sentiu a necessidade de falar sobre os ultrajes contra o Criador cometidos nas criaturas, é porque já no seu tempo alguma violação ou desprezo à natureza já era causado. Embora não seja possível mensurar os efeitos que a sensibilidade que Francisco provocou na tradição cristã, é possível entrever, no entanto, que ela não foi levada tão a sério pelo cristianismo. Basta olharmos, por exemplo, para a sua afiliação ao projeto de dominação colonial moderno, cuja lógica pode ser percebida por meio da exploração e do domínio da terra, do comércio escravagista, do capitalismo etc.

O historiador Lynn White Jr., no livro *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*, acusou o antropocentrismo visceral do judeu-cristianismo de ser o principal fator na crise ecológica e planetária que agora se tornou um clamor. Crítica semelhante é feita pelo filósofo quilombola piauiense Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, ao afirmar que o eurocristão monoteísmo é responsável pela cosmovisão — “medo do cosmos” e “grande doença da humanidade” — que ele equipara ao pecado original. Ou seja, a cosmovisão é

quando a humanidade, que é parte da natureza, foi separada dela e passou a instrumentalizá-la por se considerar superior (Santos, 2023, p. 14;16).

Nêgo Bispo sugere que a cosmofofia, que promove a desconexão do ser humano com os demais seres, tem como imunidade a contracolônização. A separação ou quebra do vínculo entre seres não tem lugar na contracolônização, assim como não há disputa entre os seres do cosmos. Do contrário, a contracolônização é um projeto orgânico e cosmológico em que os seres estão envolvidos. Bispo diz que, enquanto o eurocristão monoteísmo visa o “des-envolvimento [enquanto] sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade”, o envolvimento vivido pelo contracolônismo preza a relação entre as matas, os animais, os seres cosmológicos e suas divindades.

Seguindo a lógica do Nêgo Bispo, Francisco de Assis seria um santo contracolônial mesmo tendo vivido numa época em que a colonização ocidental ainda não era realidade. Francisco torna-se um contraponto dentro de um cristianismo que o elevou aos altares. Ele serve ao mesmo tempo como ponto de conscientização e também de retomada dos valores e das bases da fé no que tange ao respeito e à reintegração do ser humano ao cosmos.

White Jr. concordaria com isso, pois ele próprio reconheceu que Francisco de Assis e seu misticismo cósmico são o antídoto para a crise ecológica. Dito de outro modo, o projeto sensível de Francisco é uma chave essencial para escapar à armadilha difundida pelo projeto de dominação moderna.

Com tamanha sensibilidade cosmológica, Francisco de Assis, ao mesmo tempo que recentra o cristianismo num dos seus elementos mais essenciais, cuja missão fundamental é o cuidado da vida, também excede os limites do cristianismo, uma vez que sua mística e seu exemplo se encontram e se assemelham aos valores, movimentos e trabalhos desenvolvidos por outras religiões e espiritualidades. Tal encontro de Francisco com as demais religiões se dá não somente porque elas se dedicam à defesa da criação, mas também porque sua reverência e cuidado com a natureza são constitutivos de sua base

de fé. É sobre como a centralidade da natureza está presente em outras religiões sobre as quais vamos discorrer em seguida.

Ecos Inter-religiosos do Cântico: religiões e espiritualidades e a unidade dos seres no cosmos

Reconhecendo que a separação ou a crise em relação à natureza tem suas raízes fincadas sobremaneira no Ocidente cristão a partir do axioma de que a natureza não tem outra razão de existir senão para servir ao *homem*, o Cântico das Criaturas de Francisco de Assis é um convite ao retorno à originalidade das coisas. A originalidade aqui no sentido que Nêgo Bispo propõe de que na origem todos os seres estão envolvidos.

Com o seu cântico, Francisco está propondo uma reconexão do vínculo rompido ou descontinuado pela ideia de classificação e superioridade humana, a partir da lógica de dominação da natureza. Se, acima, dissemos que, com uma preposição (através), Francisco inspira toda uma teologia, com um adjetivo, “irmão” ou “irmã”, ele implica essa teologia num projeto ético-cosmológico e inter-religioso.

O reconhecimento de pertença ou fraternidade com o cosmos, bem como a reconciliação do humano com a criação, não é exclusivo de Francisco nem do movimento que ele encabeça. Embora ele seja um excelente representante disso, essa dimensão se conecta a um projeto inter-religioso e espiritual maior e mais complexo. Em outras palavras, essa disposição e postura diante da natureza podem ser encontradas em outras tradições religiosas e espirituais às quais a intuição e o gesto de Francisco se filiam.

White Jr. (1967, p. 1297) afirma que “as raízes dos nossos problemas [ecológicos] são tão profundamente religiosas que a solução também deve ser essencialmente religiosa, quer a chamemos assim ou não”. Ele nos provoca, assim como Francisco o faz, a “repensar e reavaliar a nossa natureza e o nosso destino”.

As palavras de White Jr., alinhadas ao projeto de fraternidade cosmológica e universal de Francisco de Assis, nos provocam a repensar a hermenêutica de interesse que instrumentalizou e beneficiou a tradição

judaico-cristã, a fim de pensar numa nova e urgente hermenêutica sensível e integrada ao cosmos. Precisamos resgatar os valores derivativos das tradições religiosas, a fim de perceber as suas raízes fincadas na proteção, na reconciliação e na reparação ecológica.

A própria tradição judaico-cristã oferece chaves importantes para a retomada do cuidado e da organicidade do humano com a natureza: Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e vigiá-lo (Gn 2,15). Essa intenção divina é reiterada em diversos outros lugares do Antigo Testamento bíblico e, portanto, contém orientações muito precisas sobre como devemos interagir com a natureza.

Leon Hugo e Jean Hugo, no seu trabalho *The Environmental Crisis: A Religious Solution*, nos ajudam a retomar também o que a tradição cristã diz. Tendo o amor a Deus e ao próximo como o seu tema central, o cristianismo pondera que “a atitude da humanidade em relação à natureza é moldada pela compreensão de que o mundo natural é criação de Deus e que os seres humanos são chamados a refletir o cuidado e a compaixão de Deus em seu tratamento da natureza” (Hugo; Hugo, 2025, p. 8).

Em se tratando da vertente católica do cristianismo atual, temos a marcante colaboração do Papa Francisco, cujo nome, inspirado em Francisco de Assis, não esqueceu a natureza como a irmã pobre e sofredora. Em abril de 2020, o Papa Francisco manifestou seu apoio ao Dia da Terra e enfatizou a responsabilidade dos indivíduos e dos governos de proteger o planeta. Ele reiterou sua preocupação com o tema do cuidado com a casa comum dos seres vivos, sobretudo em sua Carta *Encíclica Laudato Si'* (2015), que serve de apelo à conversão ecológica e à necessidade de cuidar do meio ambiente como um ato de amor e responsabilidade para com o presente e para com as gerações futuras. Na *Laudato Si'*, o Papa vê uma estreita conexão entre a responsabilidade social e o meio ambiente, além de ressaltar que as pessoas que vivem na pobreza são as que mais sofrem com a degradação ambiental (LS, n. 13).

Nessa perspectiva, Francisco de Assis deixa um legado que serve de memória da restauração sacramental (no sentido de tornar visível o querer de

Deus para a natureza) no judeu-cristianismo. Ou seja, ele é um ponto de recordação da importância do retorno à unidade fundamental do universo cuja criação é a primeira expressão do amor de Deus pelos seres criados.

Como uma personalidade que excede os limites do catolicismo e do judeu-cristianismo, Francisco de Assis e sua sensibilidade pela natureza também podem ser lidos como pontos de interesse e de vínculo com as demais tradições religiosas e espirituais.

Vale recordar, porém, que, embora White Jr. afirme que as bases da degradação ambiental estão fincadas no antropocentrismo visceral do judeu-cristianismo, nenhuma religião está isenta da tentação material e da instrumentalização da natureza. Nesse cenário ameaçador ao presente e ao futuro de todos, a retomada dos valores internos e das diretrizes éticas fundamentais de cada religião parece ser um elemento fundamental para a tríplice dimensão de proteção, reconciliação e reparação ecológica.

Assim como Francisco serve de memória às tradições judaico-cristãs, devemos destacar a importância que a natureza e a ecologia têm para cada tradição espiritual em sua raiz fundamental. Na retomada dos valores essenciais de cada religião está contido o elo que as une à sensibilidade franciscana retratada no Cântico das Criaturas.

A espiritualidade budista, por exemplo, sustenta que devemos superar a ilusão de sermos seres separados uns dos outros. O budismo acredita na harmonia completa com a ecologia e ensina que todos os seres estão interligados.

Há uma vertente do budismo chamada Budismo Engajado, criada pelo monge e estudioso budista do Vietnã, Thich Nhat Hanh (1926-2022), que diz que nós “inter-somos” e que temos corpos cósmicos que precisam ser reconhecidos por meio dos nossos corpos físicos. Hanh (2020) diz que nós somos compostos de estrelas, luz do sol, oceano, terra e nuvens. Portanto, para o budismo, nós nos encontramos em relacionamentos de interdependência (ou interesse) e, por isso, os relacionamentos que mantemos uns com os outros e com o mundo se tornam centrais para o nosso ser.

O Alcorão na tradição islâmica narra que

O Clemente [*adjetivo para Allah*] criou o homem e ensinou-lhe a eloquência. O sol e a lua giram (em suas órbitas) e as ervas e as árvores prostram-se em adoração. E elevou o firmamento e estabeleceu a balança (da justiça) para que não defraudeis no peso. Pesai, pois, escrupulosamente, e não diminuais a balança! (Alcorão 55,1-9).

De acordo com esse ensinamento, ninguém tem a autoridade de transgredir o equilíbrio do cosmos e que, portanto, “o papel da humanidade na terra é o de um ‘khalifa’ [Alcorão 2,30; 6,165; 38,26], um vice-regente ou fiduciário de Deus. Somos os administradores e agentes de Deus na terra. Mas não somos mestres desta terra; não nos pertence fazer o que desejamos.” (Hugo; Hugo, 2025, p. 7).

As inspirações e sensibilidades que o Cântico das Criaturas de Francisco revela também podem ser encontradas nas religiões de matriz africana ou nas religiões indígenas africanas, nas quais se acredita que as coisas foram criadas para uma continuidade harmoniosa. Desse modo, deve haver uma relação de obrigação mútua entre todas as coisas criadas. Hugo e Hugo (2025, p. 8) destacam que, nessas tradições,

[...] tudo é permeado pela divindade. Os espíritos da natureza estão associados a espécies específicas de animais e árvores, florestas sagradas, rios, lagos e montanhas, que lembram às comunidades a necessidade de respeitar o meio ambiente. Nada deve ser feito para antagonizar os espíritos ancestrais que permeiam a natureza.

De fato, o cuidado com a natureza, próprio das religiões de matriz afro e indígena, deriva do reconhecimento da igualdade, do respeito e da reverência aos seres da natureza. Há uma estreita interdependência entre tudo o que se vive, acredita e celebra nas religiões de matriz africana e indígena e os elementos do cosmos.

Um aspecto que se pode adicionar e que provém das religiões africanas é o conceito de *Ubuntu*. Trata-se de um termo Banto Nguni que resume a ideia de que “eu sou porque nós somos”, enfatizando que a identidade individual está ligada à comunidade e à importância do amor e do cuidado mútuo (Mbiti, 1969). Isso reforça a ideia de que as ações de uma pessoa em relação aos outros seres afetam tanto as relações humanas e cosmológicas quanto a harmonia espiritual.

Além das religiões destacadas acima, muitos outros grupos religiosos reconhecem a importância da unidade e do cuidado fundamental de tudo o que existe no cosmos. O *hinduísmo* inspira um movimento de unidade fundamental por meio da sua crença no Brahma, que é a alma do universo e o ponto de absorção, atração e unidade de tudo que é. O *siquismo* ensina o respeito às criações de Deus e enfatiza a importância da humildade e da abnegação. Os siques são incentivados a compartilhar com os outros e contribuir positivamente para a sociedade, estendendo-se aos cuidados ambientais e aos esforços de conservação (McLeod, 1968). O pensamento religioso chinês dá ênfase à unidade entre as pessoas e a natureza e à relação harmoniosa das pessoas com a natureza. Eles reforçam que as pessoas também devem se ver como elementos insignificantes na grande ordem universal. Isso destaca a unidade entre as pessoas e a natureza (Batchelor; Brown, 1992).

Mesmo os ateístas que acreditam que não existe um deus nem uma criação de Deus pensam que não há diferença inerente entre um ser humano, um sapo ou uma árvore. Todos são espécies por direito próprio. Em outra direção, tem-se o panteísmo, que acredita na existência de um único espírito na natureza que permeia os seres humanos, as plantas e os animais. Para os panteístas, tudo o que existe faz parte de uma única substância infinita: Deus. A natureza é o bem supremo, e a humanidade deve aderir às suas diretrizes espirituais (Levine, 1994).

Como se pode ver, muitas religiões se relacionam e definem as suas bases fundamentais com o cosmos, à sua unidade e cuidado. Para Nêgo Bispo, há também um movimento contrário. Ou seja, ele diz que “as populações desenvolvem sua cosmovisão a partir da sua religiosidade e é a partir dessa cosmovisão que constroem as suas várias maneiras de viver, ver e sentir a vida” (Santos, 2015, p. 38).

A partir dessa lógica, é possível afirmar que as religiões têm grande potencial para enfrentar problemas e ameaças ecológicos. Desse modo, é urgente que cada religião faça uso dessa capacidade para proteger o que ainda é orgânico e remediar o que já está ferido. De fato, cada

espiritualidade ou religião possui, em si, um ingrediente que, combinado com os demais ingredientes das outras tradições, pode produzir um antídoto eficaz contra a ameaça real que todos os seres sofrem no seu ambiente de compartilhamento comum.

Considerando tal exposição, o Cântico das Criaturas é um convite e uma inspiração sempre abertos. Ele pode ser entendido como um convite ao Cristianismo para que faça uma revisão constante do seu compromisso e do cuidado éticos com toda a criação, que revelam, em última instância, o Criador, que é a origem e o mantenedor da natureza. E o Cântico também é e pode ser entendido como um convite aberto à possibilidade de o Cristianismo aprender das outras espiritualidades e colaborar com elas sobre o próprio Deus e sobre a sua primeira expressão de amor, que é a criação universal. Como diz Faustino Teixeira, em última instância, no “diálogo com o outro, somos capazes de ‘descobrir com maior profundidade’ traços do mistério de Deus que escapam de nossa alçada” (Teixeira, 2012, n.p.).

De fato, a partir da intuição e da sensibilidade que dele emanam, o Cântico sugere uma agenda inter-religiosa de diálogo em prol do cuidado da casa comum enquanto linguagem de Deus. O Canto das Criaturas serve, portanto, como um evocador, ou mesmo um convite, a uma teologia inter-religiosa da criação em níveis existenciais e éticos. Em nível existencial, o cântico é um convite a cada sujeito, seja ele religioso ou não, a reconhecer-se como membro implicado no cosmos/universo e, portanto, corresponsável pelo espaço comum onde vivemos. Em nível ético, porque cada religião ou sujeito se compromete ética e moralmente na libertação dos seres criados e no favorecimento da justiça e da paz socioambiental.

Considerações finais

À luz do percurso realizado, o Cântico das Criaturas revela-se muito mais do que uma oração poética ou uma expressão piedosa da espiritualidade medieval. Ele se apresenta como uma chave hermenêutica potente para repensar a relação entre Deus, a humanidade e o cosmos num tempo marcado pela fragmentação, pela dominação e pela crise ecológica global. Em Francisco de Assis, a espiritualidade simbólica — no sentido de reatar, unir e

reconciliar — torna-se prática concreta de vida: um modo de estar no mundo que recusa a lógica do “ser-acima” e assume radicalmente o “ser-com”.

O Pobrezinho de Assis, ao reconhecer todas as criaturas como irmãs e irmãos, devolve ao cristianismo uma de suas intuições mais originárias: a criação como primeiro sacramento de Deus e como lugar privilegiado de encontro com o Criador. Sua mística cosmológica não isola o humano, mas o reinsere no tecido vivo da criação, convocando-o à corresponsabilidade, ao cuidado e à gratidão.

Além disso, o alcance do Cântico ultrapassa os limites do cristianismo, encontrando ressonâncias profundas em diversas tradições religiosas e espirituais que também afirmam a interdependência dos seres e a sacralidade da natureza. Nesse sentido, Francisco emerge como figura contracolonial e inter-religiosa, cuja sensibilidade pode contribuir decisivamente para a construção de uma ética ecológica global. Recuperar o espírito do Cântico das Criaturas é, portanto, um gesto urgente de reconciliação — com Deus, com o próximo e com a casa comum que compartilhamos.

Referências

- BATCHELOR, M.; BROWN, K. *Buddhism and ecology: World religions and ecology series*. London: Cassell, 1992.
- BODO, Murray. *Poetry as prayer: Saint Francis of Assisi*. 2. ed. Phoenix: Tau Publishing, 2015.
- BOFF, Leonardo. *A união da ecologia interior com a exterior: O cântico ao Irmão Sol de Francisco de Assis*. 10 jun. 2025. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2025/06/10/a-uniao-da-ecologia-interior-com-a-exterior-o-cantico-ao-irmao-sol-de-francisco-de-assis/>. Acesso em: 12 set. 2025.
- BOFF, Leonardo. *Francisco de Asís: Ternura y Vigor*. Colección Servidores y Testigos. Guevara, Santander: Sal Terrae. 1982.
- BOFF, Leonardo. *O despertar da águia: o sim-bólico e o dia-bólico na construção da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CUSATO, Michael. *Francis of Assisi: His life, vision, and companions*. Eugene: Reaktion Books, 2023.
- FONTES FRANCISCANAS. *Compilação de Assis (CA)*. Conferência dos

Capuchinhos do Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/capitulos/compilacao-de-assis>. Acesso em: 12 set. 2025.

FONTES FRANCISCANAS. *Legenda Maior de São Boaventura (LM)*. Conferência dos Capuchinhos do Brasil, [s.d.]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/151XZG7bOQyl_EXC6Fhc4uqWNVJao5P16/view. Acesso em: 15 jan. 2026.

FONTES FRANCISCANAS. *Primeira Vida de Tomás de Celano (Celano 1)*. Conferência dos Capuchinhos do Brasil, [s.d.]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/13Z9kmWdUK0KRurEzwDjU_Ao37vCRLc2s/view. Acesso em: 12 set. 2025.

FONTES FRANCISCANAS. *Sacrum commercium (SC)*. Conferência dos Capuchinhos do Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bg0uG7pL0ROH7VjIzNsE9M4px7Y-sUEr/view>. Acesso em: 24 dez. 2025.

FONTES FRANCISCANAS. *Segunda Vida de Tomás de Celano (Celano 2)*. Conferência dos Capuchinhos do Brasil, [s.d.]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1IBnP38_gnzT-8_8gnv7Thg-YtSfFKOZo/view. Acesso em: 12 set. 2025.

HANH, Thich Nhat. *You have a cosmic body*. Plum Village, 28 Jan. 2020. Canal do YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/kGRerfJG2vc?si=bmYl6-hXMbgfTqQk>. Acesso em: 12 set. 2025.

HUGO, M. L.; HUGO, J. O. The environmental crisis: A religious solution? *KOERS – Bulletin for Christian Scholarship*, v. 90, n. 1, 28 fev. 2025.

KHALID, F.; O'BRIEN, J. *Islam and ecology: World religions and ecology series*. London: Cassell, 1992.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2011.

LEVINE, M. P. *Pantheism: A non-theistic concept of deity*. London: Routledge, 1994.

MBITI, J. S. *African religions and philosophy*. London: Heinemann Educational Books, 1969.

MCLEOD, W. H. *Guru Nanak and the Sikh religion*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si. Sobre o cuidado da casa comum*. 24 de maio de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 12 set. 2025.

ROHR, Richard. *Things hidden: Scripture as spirituality*. Cincinnati:

Franciscan Media, 2008.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). *A terra dá; a terra quer*. Belo Horizonte: Piseagrama; São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Universidade de Brasília - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2015.

TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso no coração da teologia. 13 de agosto de 2012. Disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4557-faustino-teixeira-13>. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

TURQUIA. Presidência de Assuntos Religiosos (Diyanet İşleri Başkanlığı). *Alcorão Sagrado: tradução portuguesa*. Tradução de Samir El Hayek. Coordenação geral: Huriye Martı. Ankara: Diyanet İşleri Başkanlığı Yayınları, 2023.

WHITE, Jr., Lynn. The historical roots of our ecological crisis. *Science*, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, 10 mar. 1967.

WINTZ, Jack. St. Francis and His Canticle of the Creatures. *St. Anthony Messenger Online Magazine*, Fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.franciscanmedia.org/st-anthony-messenger/st-francis-and-his-canticle-of-the-creatures/>. Acesso em: 12 set. 2025.

Trabalho submetido em 18/09/2025.

Aceito em 16/01/2026.

Faustino dos Santos

Doutorando em Teologia na Universidade de Fordham, EUA, Mestre em Teologia pela UNICAP (2020). Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza - FCF (2017). Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2013). Tecnólogo em Secretariado pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2019). Atualmente atua como professor de Faith and Critical Reason (Fé e Razão Crítica) na Universidade de Fordham como Teacher Fellow. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4512-7940>. E-mail: faustinosantos17@gmail.com